Revista Terceiro Incluído
https://revistas.ufg.br/teri/

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

| Recebido: 08 Mar. 2026 | Aceito: 10 Abr. 2026 | Publicado: 18 Abr. 2026 |

A Educação Ambiental a partir do olhar sensível da Ecologia Humana

Environmental Education from the sensitivity perspective of Human Ecology

Marcos Vinícius Guimarães de Paula [1]
https://orcid.org/0000-0003-1963-4524

Claudia Marcia Lyra Pato [2]
https://orcid.org/0000-0003-0324-2075

Resumo
A finalidade do presente trabalho foi contribuir teoricamente para o debate da Educação Ambiental contemporânea, destacando a Ecologia Humana como uma alternativa potente para a sensibilização ambiental nos espaços escolares e não escolares. O estudo foi orientado pelas seguintes indagações: o que é a Ecologia Humana? Quais são as suas principais contribuições para a realização da Educação Ambiental? Dessa maneira, realizou-se um estudo teórico-bibliográfico com o intuito de endossar as contribuições sensíveis e inspiradoras da Ecologia Humana para a formação de sujeitos mais ecológicos e conscientes de suas ações no mundo. Advogamos que essa área do conhecimento convida à reflexão sobre a interconexão profunda entre o ser humano e a natureza, promovendo uma abordagem mais afetiva, ética e integradora no processo educativo.

Palavras-Chave: Educação Ambiental; Ecologia Humana; Dimensão pessoal.

Abstract
The purpose of the present research was to contribute theoretically to the debate on contemporary Environmental Education, highlighting Human Ecology as a powerful alternative for environmental awareness in both school and non-school environment. It was guided by the following questions: What is Human Ecology? What are its main contributions to the implementation of Environmental Education? Thus, a theoretical and bibliographic study were conducted with the aim of endorsing the sensitive and inspiring contributions of Human Ecology to the formation of more ecological individuals who are aware of their actions in the world. We argue that this field of knowledge invites reflection on the deep interconnection between human beings and nature, promoting a more affective, ethical, and integrative approach to the educational process.

Keywords: Environmental Education; Human Ecology; Personal Dimension.

[1] Doutor em Educação pela UnB, Professor da Secretaria Municipal de Educação de Anápolis e da Secretaria de Estado da Educação – Goiás.

[2] Doutora em Psicologia pela UnB, Professora da Universidade de Brasília.

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

Introdução

A população mundial enfrentou, há pouco tempo, mais uma grave e devastadora pandemia. A Covid-19 reforçou a relevância da Educação Ambiental (EA) nos tempos atuais, porquanto revelou que, se continuarmos vivendo de forma hostil e insensata no tocante ao meio ambiente, enfrentaremos novas e mais letais pandemias (Santos, 2020). As mais de 7 milhões de mortes em todo o mundo provocadas pela Covid-19 precisam nos levar à reflexão e à mudança de rota. A pandemia demonstra que é imperioso que as sociedades se adaptem a novos modos de viver que atendam ao bem comum (Santos, 2020). Logo, a EA desempenha um papel fundamental nos processos de ação e reflexão, sendo uma grande aliada para as próximas décadas (Guenther, 2020).

No contexto brasileiro, as fortes chuvas que atingiram o estado do Rio Grande do Sul no ano de 2024 revelam a necessidade de que a EA esteja inserida nos ambientes escolares, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, de modo a ajudar o ser humano, em todas as idades, a repensar as suas ações no mundo. Além disso, o resgate de animais domésticos e silvestres nas áreas gaúchas afetadas sensibilizou a população brasileira, de modo geral, e revelou aquilo que a Ecologia Humana (EH) vem afirmando há tempos: todas as vidas importam.

Desse modo, o presente trabalho pontua a necessidade de empreender novos esforços na luta pela democratização da EA, bem como destaca a sua pertinência na contemporaneidade. Para isso, aponta a EA orientada pela EH como uma chama de esperança por um planeta mais ecológico e sustentável. As questões norteadoras do estudo foram: "O que é a EH? Quais são as suas principais contribuições para a realização da EA?".

Convém salientar que este texto deriva de uma seção da fundamentação teórica da tese de doutorado de Paula (2024), intitulada *Corporeidade e sensibilização ecológica: uma pesquisa vivencial com crianças e adolescentes*. A referida tese foi defendida e aprovada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB).

Percurso metodológico

Trata-se de um estudo teórico-bibliográfico que analisa a EA sob a ótica sensível da EH. Consiste em um ensaio teórico, baseado nas proposições de Meneghetti (2011). Para o autor, essa abordagem metodológica constitui uma reflexão permanente, isto é, "[...] um meio de análise e elucubrações em relação ao objeto" (Meneghetti, 2011, p. 323), que valoriza o processo analítico-interpretativo, de modo a possibilitar a sustentação de argumentos fundamentados e, também, o avanço nas discussões científicas em uma área específica do saber. Dessa forma, o presente artigo versa sobre a EA fundamentada nos princípios transformadores da EH, por considerar que ela possibilita que o ser humano repense as suas ações no mundo, ecologizando-as.

A natureza deste trabalho é qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, cujo levantamento foi realizado, principalmente, a partir da consulta a quatro livros clássicos da EH (*Ecologia*

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

Humana: da visão acadêmica aos temas atuais; *Ecologia humana: uma visão global*; *Ecologias Humanas*; e *As raízes da Ecologia Humana*), organizados em formato de coletânea. As obras reúnem, ao todo, 51 artigos/textos em línguas portuguesa, inglesa e espanhola, de pesquisadores nacionais e internacionais. A seleção do material bibliográfico considerou, como critérios, a relevância acadêmica dos autores e dos organizadores – especialmente daqueles que têm contribuído para o desenvolvimento desse campo científico no Brasil e no mundo, com as suas respectivas pesquisas – e, sobretudo, a pertinência temática com os conceitos-chave relacionados à EH selecionados para a construção deste texto (história, definição e finalidades).

Realizou-se a leitura exploratória e analítica dos textos. Após a análise criteriosa dos títulos, dos resumos, das palavras-chave e de alguns trabalhos, em sua totalidade, foram selecionados 11 (Alvim, 2012, 2014; Araújo, 2014; Bezerra; Ribeiro, 2014; Dansa; Pato; Corrêa, 2014; Marques, 2014; Pires; Craveiro, 2014; Silva, 2014; Alvim; Castelhanos, 2017; Bomfim, 2017; Simonard, 2017) para a elaboração deste ensaio, visto que contemplavam os conceitos supracitados. Foram excluídos da análise os trabalhos que, embora discutidos no âmbito da EH, não atendiam ao escopo estabelecido (educação e processos formativos), por abordarem temáticas como, por exemplo, ecomarxismo, ecolinguística, etnodireito, entre outras.

Posteriormente, realizou-se um processo de organização e sistematização das informações, permitindo estabelecer diálogos entre os diferentes autores e destacar os principais fundamentos teóricos que sustentam a perspectiva em debate. É importante ressaltar que outros artigos científicos e livros também foram consultados para fortalecer a discussão proposta, além dos quatro livros que serviram de base, sobretudo no que concerne à problematização sobre a EA e os seus objetivos educacionais no cenário contemporâneo.

Desse modo, inicialmente, realiza-se um breve estudo histórico a respeito da EH e uma análise conceitual dessa área. Posteriormente, apresentam-se reflexões sobre o que é a EA e as suas principais finalidades educativas. Por fim, a EH é discutida, destacando-se as suas especificidades e apresentando-a como um caminho promissor para o desenvolvimento da EA nos espaços-tempos educacionais.

O que é a Ecologia Humana?

Pires e Craveiro (2014) esclarecem que a EH surgiu da necessidade de produzir conhecimentos sobre a relação entre o ser humano e o seu ambiente, problematizando um agir ético e ecológico do sujeito para com as outras vidas humanas, as vidas não humanas e a natureza.

A EH nasceu na área da Biologia, cujos estudos se centravam na conexão dos seres vivos com o meio em que viviam. O termo *ecologia* advém do zoólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919), que o definiu em 1886. Com o decorrer da história, estabeleceu ligações com as Ciências Sociais, como a Antropologia, a Sociologia, a Geografia e a Psicologia, fazendo com que o termo ecologia superasse os limites da Biologia, abrangendo, principalmente, as esferas social e política.

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

Suas raízes encontram-se no Departamento de Sociologia da Escola de Chicago, nos Estados Unidos, no ano de 1915, tendo Robert Ezra Park (1864-1944), Ernest Watson Burgess (1886-1966) e Roderick Duncan McKenzie (1885-1940) como fundadores. A Escola de Chicago dedicava-se ao estudo de temas como desemprego, imigração, criminalidade, violência urbana e gangues de rua, entre outros.

Esse campo de estudos sofreu críticas contundentes por não abordar, na interação humano-ambiente, questões como injustiça social, distribuição das responsabilidades sociais e a relação do discurso ambiental com os projetos econômicos. No entanto, os primórdios da EH também se encontram nas considerações de Émile Durkheim (1858-1917) sobre morfologia social, o que permitiu que essa área passasse a realizar análises do gênero humano para além da dimensão anátomo-biológica, estabelecendo interações entre esses diversos campos científicos (Araújo, 2014; Marques, 2014; Pires; Craveiro, 2014; Simonard, 2017).

Assim sendo, a EH passou a empenhar-se em

> Descrever e analisar objetivamente as bases espaciais, temporais, físicas e tecnológicas da vida social. A capacidade para comunicação simbólica, racionalidade, mobilidade relativamente grande, organização e controle formais, e a posse de uma tecnologia e de uma cultura distinguem os seres humanos das plantas e dos (outros) animais; o reconhecimento dessas diferenças torna a Ecologia Humana uma ciência social única (Alvim, 2014, p. 24).

É pertinente afirmar que o conceito de EH foi inaugurado pelos já citados Robert E. Park, Ernest W. Burgess e Roderick D. McKenzie, a partir de seus estudos a respeito das influências do ambiente nas relações do ser humano (Marques, 2014). Trata-se de um campo epistemológico dialógico, estabelecido entre as Ciências Sociais e as Ciências Naturais.

As Ciências Sociais contribuíram para a consolidação da EH, favorecendo uma mudança de paradigma, a concretização de novas formas de organização da vida e o desenvolvimento de um pensamento crítico a respeito dos rumos do vínculo entre o ser humano e o meio ambiente (Pires; Craveiro, 2014). A esse respeito, cabe destacar que

> A ecologia deixa de ser um campo específico da biologia para se tornar uma metáfora, que articula o ser humano em seu contexto como uma rede de relações em diferentes níveis, que determina, simultaneamente, a vida de cada ser, de todos e do todo social e planetário (Dansa; Pato; Corrêa, 2014, p. 208).

Nessa perspectiva, Alvim e Castelhanos (2017, p. 35) asseveram que a EH é uma ciência que busca "[...] convergir as relações homem-ambiente, tornando-se um grande instrumento de reflexão para a mudança de paradigma em prol da vida". Seu estudo concentra-se na interação do ser humano com os ecossistemas, bem como nas consequências oriundas desse encontro.

De acordo com Bezerra e Ribeiro (2014), o paradigma positivista aparta o ser humano do meio ambiente, tratando este apenas como um mero lugar a ser explorado a bel-prazer daquele. Diferentemente, a EH propõe a inseparabilidade entre o ser humano e o mundo, alertando que não é

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

mais possível uma associação utilitarista e predatória para com o meio ambiente. Logo, torna-se impreterível adotar um olhar de respeito, cuidado e zelo pela natureza.

Bezerra e Ribeiro (2014, p. 147) exemplificam essa visão por meio de um caso relacionado ao rio, afirmando:

> O rio não pode ser mais um "recurso natural" porque isso é insustentável. O rio deve ser vivido como poesia, como perplexidade, como sagrado, como parte do humano, mas também como oikos (no grego antigo significa "casa") de outros seres tão importantes como o *homo sapiens*.

De modo análogo, a natureza deve ser tratada como sagrada. Todas as formas de vida nela existentes devem ser respeitadas. A EH revela um olhar cuidadoso para todas as formas de vida, constituindo-se em um cruzamento democrático de ciências e saberes, uma vez que escuta todas as áreas de estudo e valoriza os saberes populares, práticos e cotidianos (Alvim; Castelhanos, 2017; Catalão; Mourão; Pato, 2009; Pires; Craveiro, 2014), tantas vezes marginalizados pela ciência tradicional positivista. Busca compreender o ser humano em suas associações, visando à transformação pessoal e dos espaços. Acrescenta-se que a EH indica a interação entre todos os seres em uma rede de interdependência, na qual todos estão conectados, conceito que Boff (2004) denomina de totalidade ecológica.

Para Pires e Craveiro (2014), a EH considera a coexistência entre o ser humano e a natureza, pontuando que os sistemas naturais e sociais estão imbricados em uma vínculação de mútua dependência. Trata-se de uma área multirreferencial do conhecimento que nos ajuda a compreender melhor a nós mesmos e ao mundo. Dansa, Pato e Corrêa (2014, p. 209) afirmam que a EH é um campo no qual diversas ciências estimulam a "[...] compreensão-ação do homem no mundo", promovendo reflexões sobre a devastação da Terra e apontando para a necessidade de novas possibilidades de ação no planeta.

A EH conduz ao desenvolvimento da autoconsciência e da consciência ecológica, pois, se não houver transformações nas mentalidades, haverá apenas medidas ilusórias quanto ao meio ambiente, e o todo social não será reconstruído (Guattari, 2006). Instiga o pensamento sobre nossos padrões de mobilidade, consumo e produção, apontando caminhos para uma sociedade mais sustentável (Pires; Craveiro, 2014), e ajuda a corrigir as formas indevidas e catastróficas de habitar o mundo. Volta-se para o passado, preocupa-se com o presente e projeta-se para o futuro, tendo a sustentabilidade como meta prioritária (Alvim; Castelhanos, 2017).

A EH é uma área do conhecimento científico que nos ensina sobre nossa pequenez perante a Terra e o cosmo (Silva, 2014), permitindo compreender que "[...] somos filhos marginais do cosmo, formados de partículas, átomos, moléculas do mundo físico" (Morin, 2017, p. 35). Além disso, instrui-nos sobre nossa correlação enquanto seres humanos com Gaia, fazendo perceber que, ao devastarmos e explorarmos a Terra, estamos, na realidade, matando a própria humanidade, ou seja, a nós mesmos.

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

> A Ecologia Humana é o segmento das ciências, como queiramos, que nos orienta e nos incita a lidar, amorosamente, conosco e com todos os outros seres que nos cercam, inclusive, outros seres humanos. Nela se faz um exercício diário e constante de amor, cuidado e zelo a todos e todas e a Gaia, mãe dadivosa (Silva, 2014, p. 218).

Sob essa ótica, Catalão, Mourão e Pato (2009) argumentam que a EH é interpretada a partir do enraizamento do ser humano em suas referências biológica, social e cultural, o que resulta no sentimento de pertencimento à espécie humana e à comunidade social, além de possibilitar a produção de energia criativa transformadora para a construção de uma nova ordem.

A EH auxilia na reflexão sobre quais são os valores fundamentais na execução dos processos educativos envolvendo a EA, promovendo o equilíbrio do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o meio ambiente. Nessa linha de pensamento, a EA, concebida e desenvolvida pela via da EH, "[...] pode nos ajudar a transformar nosso estar no mundo e alimentar a transformação pessoal e socioambiental" (Dansa; Pato; Corrêa, 2014, p. 209). Ela se apresenta como instrumento para a construção dos alicerces de uma nova ética, com vistas à sobrevivência do planeta e da humanidade.

A Educação Ambiental na perspectiva da Ecologia Humana: quais contribuições?

Convém evidenciar que a EA não se configura como uma disciplina específica, mas como uma concepção político-pedagógica a ser incorporada de forma transversal nos currículos escolares (Carvalho, 2012; Reigota, 2009), articulando as diversas áreas do conhecimento.

Quanto às finalidades, a EA, de modo geral, contribui para a formação de sujeitos críticos e ecológicos, capazes de interpretar a realidade de forma reflexiva (Delizoicov; Delizoicov, 2014) e de atuar socialmente por meio da reivindicação de políticas públicas voltadas à sustentabilidade. Estimula no estudante a compreensão do meio ambiente como um bem coletivo e colabora para a apropriação do direito universal a um ambiente verdadeiramente saudável. Dessa forma, a EA configura-se como uma trilha para a ressignificação das ações humanas, ao despertar nos sujeitos uma consciência de copertença em relação à natureza, baseada em sensibilidade ecológica (Carvalho, 2012).

A EA orienta-se por uma concepção ética, comprometida com a transição da sociedade rumo à sustentabilidade, entendida como o equilíbrio social e a capacidade de suporte dos recursos ambientais (Higuchi; Pato, 2018), problematizando as ações humanas com base em uma preocupação genuína com a vida dos demais seres vivos e com a qualidade de vida das gerações atuais e futuras (Pato; Delabrida, 2019). Trata-se de uma perspectiva que propõe transformações estruturais nas formas de pensar e agir frente às questões socioambientais. Para Layrargues e Sato (2024, p. 12), a missão da EA contemporânea é, talvez, "[...] explorar e ensaiar as mudanças sociais e culturais que facilitem e sejam coerentes com esse horizonte de possibilidade que permita (sobre)viver dentro dos limites biofísicos e da dignidade humana".

Nesse percurso, a EA, inspirada pela EH, aspira a despertar a consciência para que sejam analisadas "[...] as consequências das atividades humanas como uma cadeia de efeitos através do ecossistema e do sistema social humano" (Marques, 2014, p. 15), de modo que, como cidadãos do mundo, possam

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

ocorrer transformações pessoais que colaborem para mudanças socioambientais significativas. Todavia, para que uma práxis pedagógica de EA na concepção da EH se efetive, é fundamental voltar-se para uma

> Racionalidade sensível, do sentimento de pertença, da sensibilidade estética e de uma espiritualidade enraizada na trama da vida para internalizar ideias e sustentar ações pela sustentabilidade socioambiental em toda sua pluralidade de sentidos (Catalão, 2009, p. 328).

Dessa maneira, Morin (1999) aponta a sensibilidade como elemento constitutivo da condição humana, sendo indispensável tocá-la e despertá-la nos processos formativos de EA e na construção do conhecimento, com o intuito de aflorar a razão sensível (Maffesoli, 1998). A sensibilidade permite reencantar a vida, viver poeticamente e agir em harmonia com a natureza, de forma não destrutiva. A EH resgata a sensibilidade como característica fundante do ser humano e auxilia os estudantes a se aproximarem da dimensão estética da existência (Morin, 2017). Assim, os aprendizes são convidados a retroagir de maneira sensível e ecológica na vida e no mundo.

À vista disso, a EH destaca a importância da dimensão pessoal para a EA, reconhecendo o sujeito em seus valores, cultura e subjetividades ao longo de todo o processo educativo. Ao incorporar o aspecto pessoal, a tríade pessoa-sociedade-natureza passa a ser reconhecida de forma interdependente (Pato; Delabrida, 2019), permitindo que o ser humano se perceba como parte integrante desse sistema, reconstruindo seus vínculos com a natureza (Sauvé, 2005; Catalão, 2009).

Por conseguinte, a EH contribui para reintroduzir o sujeito cognoscente na EA, de modo que "[...] o sujeito, autor de sua história e coautor de construções coletivas, é resgatado no processo de construção do conhecimento" (Moraes, 2015, p. 57). Relativamente a esse ponto, Morin, Ciurana e Mota (2003, p. 37) afirmam que

> [...] é preciso devolver o papel ativo àquele que havia sido excluído por um objetivismo epistemológico cego. É preciso reintroduzir o papel do sujeito observador/computador/conceituador/estrategista em todo conhecimento. O sujeito não reflete a realidade. O sujeito constrói a realidade por meio dos princípios já mencionados. Desse modo, o método se torna central e vital, quando se reconhece necessária e ativamente a presença de um sujeito que se esforça em descobrir, que conhece e pensa [...].

Para Guattari (1990), a revolução política, social e cultural necessária ao enfrentamento da crise ecológica só se torna possível quando os domínios de sensibilidade, inteligência e desejo do ser humano são efetivamente tocados. Dessa forma, reintroduzir e reintegrar o sujeito cognoscente é primordial (Moraes, 2021), uma vez que é a partir do "nível molecular que se inicia o processo de educação ambiental e ecologia humana. É na interface entre ecologia da mente, do desejo, do corpo, da linguagem, do esquecimento, da representação e da contradição [...]" (Dansa; Pato; Corrêa, 2014).

Em continuidade, Maturana (2002) alerta para a cooperação como caminho a ser seguido, ressaltando que todos fazemos parte da grande árvore da vida. Vivemos em uma cultura dominante que valida a competição e o fracasso do outro, como se não houvesse alternativas para esse mundo

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

competitivo. Entretanto, a cooperação é apontada como rota para a aceitação mútua, visando a um projeto social orientado à formação de uma comum-unidade (Maturana, 1999). A cooperação é fundamental para a compreensão da EH e para resgatar a solidariedade como pilar ideológico (Catalão, 2009). Torna-se, portanto, necessário resistir ao processo de dilaceramento da solidariedade que caracteriza o tempo atual. Por conseguinte, emerge uma ética da religação (Morin, 2007), na qual a EH desempenha papel basilar.

A religação constitui um imperativo ético, exigindo uma postura altruísta que implique abertura ao outro, fortalecendo a compreensão desse outro sem desumanizá-lo. O outro não pode ser tratado como objeto, mas como sujeito humano (Morin, 2007). Devemos nos educar para compreender o próximo, bem como os estranhos e distantes do planeta; ou seja, uma ética de solidariedade planetária é essencial para uma vida harmônica em sociedade. As interfaces estabelecidas entre a EA e a EH favorecem essa religação, criando pontes para sensibilizar os estudantes no desenvolvimento da empatia e da solidariedade. Assim, poderão compreender a ética sob um olhar humano e sustentável, otimizando o cuidado com os outros e com as futuras gerações.

A EA, fundamentada na abordagem da EH, reacende a chama da convivência, fazendo-nos compreender que é no encontro dialógico com os outros que aprendemos a viver juntos em nossa Terra (Sauvé, 2016), respeitando as demais formas de vida e Gaia. Somente assim será possível enfrentar os desafios contemporâneos impostos à EA. Nesse propósito, Catalão (2009, p. 315) discorre:

> A ecologia humana debruça-se sobre a trama de relações do ser humano com outros seres e seu ambiente, tecendo um novo olhar que desenha no campo do imaginário um outro paradigma para religação dos saberes proposta por Edgar Morin. A ecologia humana percebe a realidade de forma mais holística. O mundo é visto de forma integrada e não como superposição de partes desconectadas, sem interação. A visão holística, complexa e dialógica constitui a base de sustentação da ecologia humana.

É nesse contexto que a EA, ancorada na EH, pode contribuir para despertar, na escola e em outros ambientes formativos, as consciências dos estudantes, entendendo a consciência como "[...] a emergência última de qualidade do sujeito" (Morin, 2017, p. 126), de modo que possam repensar suas ações enquanto seres terrenos e, assim, colaborar para garantir a continuidade da vida das espécies que compartilham conosco o planeta, bem como a qualidade de vida de todos (Moraes, 2014). Propõe-se uma compreensão ecológica profunda, a ponto de reconhecermos que formamos, juntamente com a Terra, um organismo vivo. É necessário "[...] compreender-se enquanto 'ser terrestre' e habitante de um todo planetário, cuja complexidade lhe permita vislumbrar a necessidade e a urgência de solidarizar-se com o Universo" (Petraglia, 1995, p. 77).

A escola do século XXI, conectada às demandas ambientais atuais, constitui um espaço fecundo para a propagação da identidade terrena (Morin, 2017) e para a compreensão de que cada ser humano é um agente planetário, intensificando o sentimento de pertencimento à nossa Terra-Pátria (Morin, 2000). Nesse entendimento, a EA em interação com a EH na escola contribui para a construção de uma

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

educação voltada à sustentabilidade, na qual corporeidade e espiritualidade sejam contempladas, valorizando a natureza como nosso sagrado comum. Essa interação realiza a ação formativa necessária para ensinar a convivência saudável entre todos os seres (Moraes, 2014), permitindo compreender que o mundo é um sistema integrado, no qual a ação de cada indivíduo contribui para cuidar ou agredir o planeta.

Segundo Catalão, Mourão e Pato (2009), a articulação entre a EA e a EH possibilita processos de ressignificação da cidadania, dos valores humanos e da democracia, capazes de garantir a existência da vida humana, das culturas e de todos os demais seres vivos. Para essas autoras, a EH evoca a identidade do passado e conclama os sonhos do futuro, orientando ações no presente que permitam ao ser humano desfrutar da vida sem comprometer as gerações futuras, garantindo-lhes também qualidade de vida.

A EA sob o prisma da EH estimula a reconexão do ser humano com a natureza, superando a ideia de dominação difundida pelo predomínio da racionalidade cognitivo-instrumental (Jacobi; Tristão; Franco, 2009). Para tanto, "[...] explora as potencialidades dos aprendizes exercitando, além da racionalidade, a sensibilidade, o imaginário, o pensamento intuitivo e o sentimento de si e do mundo" (Catalão, 2009, p. 315). Desse modo, a EH traz a corporeidade para o centro da discussão na EA. O corpo, frequentemente marginalizado na produção do conhecimento, torna-se imprescindível para a formação do sujeito ecológico. A EH valoriza experiências pedagógicas criativas que incorporam o corpo como ancoragem nos processos de produção do conhecimento (Catalão, 2009).

Uma educação escolar ecoformadora, comprometida com a vida no e do planeta, mostra-se urgente. As tessituras entre EA e EH são inadiáveis para a reforma do pensamento humano, para o ensino de valores éticos e ecológicos e para a atuação cidadã dos estudantes na condução da sociedade. Ressalte-se, ainda, que a EH contribui para a emancipação do ser humano na luta contra o desequilíbrio ecológico (Bomfim, 2017), possuindo um compromisso ético com a vida e sendo fundamental para

> Resgatar, transformar e revigorar valores esquecidos ou anulados pelo atual processo de desenvolvimento aplicado pela cultura de consumo e acumulação de bens e, consequentemente, produção de rejeitos onde a remodelagem de um novo padrão de desenvolvimento reconstrua as relações históricas para a construção de juízos de valores que envolvem o indivíduo enquanto ser divino capaz de ter o direito de explorar o seu entorno para, assim, propor ações futuras que reconstruam novos padrões de direitos, deveres e valores humanos, considerando a justiça social, valorização do espaço natural, partindo do comprometimento coletivo, pois só assim seremos capazes de entendermos que qualquer ação individual ou unilateral tenderá a afetar o equilíbrio entre estas forças (Alvim, 2012, p. 17).

À luz do exposto, a EH possibilita uma educação das sensibilidades em relação ao meio ambiente (Marques, 2014), contribui para o reposicionamento do ser humano na associação com o mundo e combate as ignorâncias ecossuicidas (Bezerra; Ribeiro, 2014). De maneira abrangente, a educação não se apresenta como redentora, mas "[...] tem uma potência significativa para despertar as consciências [...] estimular o diálogo, o trabalho e a construção coletiva, formar valores de cuidado com a dignidade humana e de respeito à vida não humana" (Layrargues; Sato, 2024).

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

Considerações Finais

Esta análise teórica teve como propósito discorrer sobre o papel da EA na contemporaneidade, marcada por pandemia e crise climática. Ademais, buscou debater a EH como alternativa para a implementação da EA nos diversos espaços, uma vez que esta incorpora a dimensão pessoal e, por consequência, contribui para reatar a relação do ser humano com a natureza, refundar o humanismo e reacender o sentimento de pertencimento à Terra, orientando, assim, para o uso criterioso dos recursos naturais e para a intervenção crítica na realidade (Catalão, 2009).

A EA e a EH não resolverão, por si só, os complexos problemas ambientais enfrentados e agravados pela humanidade; entretanto, oferecem contribuições significativas para transformar as relações estudante-mundo, podendo auxiliar no enfrentamento dessas adversidades. A EH empenha-se em formar sujeitos críticos, afetivos e comprometidos com a transformação das realidades, por meio de uma prática pedagógica que ensina a cuidar da natureza, reconhecendo que nós mesmos somos natureza.

Por fim, este ensaio apresenta a EH como uma concretização do verbo *esperançar*, do mestre Paulo Freire, segundo o qual "[...] esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo" (Freire, 1992, p. 110-111).

Referências

ALVIM, Ronaldo Gomes. **Ecologia Humana**: da visão acadêmica aos temas atuais. Maceió: EDUFAL, 2012. 183p.

ALVIM, Ronaldo Gomes. Bases da ecologia humana. *In*: ALVES, Ronaldo Gomes; BADIRU, Ajibola Isau; MARQUES, Juracy (Orgs.). **Ecologia humana**: uma visão global. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 21-40.

ALVIM, Ronaldo Gomes; CASTELHANOS, Hernán Gerardo. Ecologia humana sobre a óptica da construção do saber multidisciplinar. *In*: ALVIM, Ronaldo Gomes; MARQUES, Juracy. **As raízes da ecologia humana**. Paulo Afonso: SABEH, 2017. p. 34-51.

ARAÚJO, Sérgio Murilo Santos de. A natureza na história do homem: considerações sobre a contribuição da geografia na ecologia humana e na história ambiental. *In*: MARQUES, Juracy (Org.). **Ecologias humanas**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 313-322.

BEZERRA, Herlon; RIBEIRO, Marcelo. Psicologia ambiental e ecologia humana: sobre a ambientalidade do humano e a existencialidade do espaço. *In*: MARQUES, Juracy (Org.). **Ecologias humanas**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 137-156.

BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 370p.

BOMFIM, Luciano. As raízes da ecologia humana no Brasil. *In*: ALVIM, Ronaldo Gomes; MARQUES, Juracy. **As raízes da ecologia humana**. Paulo Afonso: SABEH, 2017. p. 100-153.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 256p.

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

CATALÃO, Vera Margarida Lessa. Desenvolvimento sustentável e educação ambiental no Brasil. *In*: PÁDUA, José Augusto (Org.). **Desenvolvimento, justiça e meio ambiente.** São Paulo: Editora Petrópolis, 2009. p. 302-330.

CATALÃO, Vera Margarida Lessa; MOURÃO, Laís; PATO, Claudia. Educação e ecologia humana: uma epistemologia para a educação ambiental. **Ambiente e Educação**, Rio Grande, v. 14, n. 2, p. 27–36, jul./dez. 2009.

DANSA, Cláudia; PATO, Claudia; CORRÊA, Rosângela. Educação ambiental e ecologia humana: contribuições para um debate. *In*: MARQUES, Juracy (Org.). **Ecologias humanas**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 207-216.

DELIZOICOV, Demétrio; DELIZOICOV, Nadir Castilho. Educação ambiental na escola. *In*: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TORRES, Juliana Rezende (Orgs.). **Educação ambiental**: dialogando com Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2014. p. 81-115.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245p.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas: Papirus, 1990. 56p.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006. 192p.

GUENTHER, Mariana. Como será o amanhã? o mundo pós-pandemia. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 31-44, jul. 2020. https://doi.org/10.34024/revbea.2020.v15.10766.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; PATO, Claudia. Sustentabilidade. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (Orgs.). **Psicologia Ambiental**: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 217-227.

JACOBI, Pedro Roberto; TRISTÃO, Martha; FRANCO, Maria Isabel Gonçalves Correa. A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 29, n. 77, p. 63-79, jan./abr. 2009. https://doi.org/10.1590/S0101-32622009000100005.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; SATO, Michele. **Se o mundo vai acabar, por que deveríamos reagir?** Agenda da educação ambiental no limiar do colapso ambiental. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2024. 160p.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998. 208p.

MARQUES, Juracy. Ecologia Humana no Brasil. *In*: MARQUES, Juracy (Org.). **Ecologia humana**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 9-42.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 414p.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 96p.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico? **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, abr. 2011. https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010.

MORAES, Maria Cândida. Educação e sustentabilidade: um olhar complexo e transdisciplinar. *In*: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique (Orgs.). **O pensar complexo na educação**: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014. p. 21-42.

| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |
DOI: https://doi.org/10.5216/teri.v16i1.85034

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação**: fundamentos ontológicos e epistemológicos. Campinas: Papirus, 2015. 192p.

MORAES, Maria Cândida. **Paradigma educacional ecossistêmico**: por uma nova ecologia da aprendizagem humana. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2021. 396p.

MORIN, Edgar. **O método 2**: a vida da vida. 3. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1999. 527p.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 118p.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 224p.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 23. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. 128p.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTA, Raul Domingo. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003. 112p.

PATO, Claudia; DELABRIDA, Zenith Nara Costa. Proposta transdisciplinar em contextos formativos: chave mestra para a sustentabilidade. *In*: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia (Orgs.). **Psicologia ambiental em contextos urbanos**. Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019. p. 34-58.

PAULA, Marcos Vinícius Guimarães de. **Corporeidade e sensibilização ecológica**: uma pesquisa vivencial com crianças e adolescentes. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2024. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/50471. Acesso em: 12 nov. 2024.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin**: a educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis: Vozes, 1995. 128p.

PIRES, Iva Miranda; CRAVEIRO, João Lutas. Ética e prática da ecologia humana: questões introdutórias sobre a ecologia humana e a emergência dos riscos ambientais. *In*: MARQUES, Juracy (Org.). **Ecologias humanas**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 53-82.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. 112p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020. 50p.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005. https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200012.

SAUVÉ, Lucie. Viver juntos em nossa Terra: desafios contemporâneos da educação ambiental. **Contrapontos**, Itajaí, v. 16, n. 2, p. 288-299, maio/ago. 2016.

SILVA, Glaide Pereira. Ecologia humana. *In*: MARQUES, Juracy (Org.). **Ecologias humanas**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 217-224.

SIMONARD, Pedro. Antropologia e ecologia humana: algumas notas e apontamentos sobre a relação entre esses dois campos. *In*: ALVIM, Ronaldo Gomes; MARQUES, Juracy. **As raízes da ecologia humana**. Paulo Afonso: SABEH, 2017. p. 52-75.

Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.